

## ORALIDADE E ESCRITA SEGUNDO WALTER J. ONG.

Maria Inês Pagliarini Cox.  
(UFMT).

I. Inscrevi o título "ORALITY and LITERACY: the Technologizing of the Word<sup>1</sup>", de Walter J. Ong, no rol daqueles livros a serem lidos "algum dia" (nas férias, depois da tese, durante a sabática, na aposentadoria, enfim, quando o tempo der um tempo...) há quase dez anos. Walter J. Ong é um professor de Humanidades da Universidade de Saint Louis, no Missouri. Descobri-o nas páginas de "Linguagem, Escrita e Poder<sup>2</sup>", lembrado por Maurizio Gnerre entre os pesquisadores (Lord, Havelock, Innis, Goody, Leroi-Gourhan<sup>3</sup>) que muito têm contribuído para o crescimento do campo de investigação da escrita, um campo recente.

Há pouco tempo, escarafunchando a bagagem bibliográfica, para não dizer, a pesada mala de livros, trazida por uma amiga que estivera nos Estados Unidos fazendo doutorado - Pasmem! - topei com ele inteirinho. Não resisti. Li os comentários sobre a obra na contra-capla e algumas poucas linhas da introdução. O pouco que aí se insinuou foi o bastante para me seduzir. Era chegada a hora. Abriria um parênteses para Ong entre as leituras que, pelo dever do ofício, não se adiam.

II. O livro trata das diferenças entre oralidade e escrita, mais precisamente, das diferenças entre "o pensamento e sua expressão na cultura oral, estranho e às vezes até bizarro para nós, e o pensamento e sua expressão na cultura escrita" (p.01). Embora o foco do estudo seja o contraste entre a oralidade primária e a escrita alfabética, Ong não deixa de apontar as diferenças que há, no pólo da escrita mesmo, entre as culturas quirográfica, tipográfica e eletrônica. À partida, o autor nos convida a revisar nossa compreensão da identidade humana. Adverte-nos de que, profundamente afetados pelo uso da escrita, costumamos tomar certos comportamentos culturais por inatos.

Sete capítulos compõem o livro.

No primeiro, Ong distingue a oralidade primária, aquela de pessoas que nunca tiveram contato com a escrita, da secundária, aquela das culturas altamente tecnológicas da atualidade (com

<sup>1</sup> ONG, Walter J. ORALITY and LITERACY: The Technologizing of the Word. London and New York, Methuen, 1982.

<sup>2</sup> GNERRE, M. Linguagem, Escrita e Poder. São Paulo, Martins Fontes, 1985.

<sup>3</sup> Ibid., p. 55.

telefone, rádio, televisão e outros meios eletrônicos), tributária da escrita e da imprensa. Apresenta a oralidade (primária), o mundo do som, como o habitat natural da linguagem: "A expressão oral pode existir e existiu durante muito tempo sem qualquer escrita, mas a escrita nunca sem a oralidade" (p. 08). E, finalmente, discute a (im)pertinência do termo literatura oral: "Pensar na tradição oral como literatura oral é mais ou menos semelhante a pensar em cavalos como automóveis sem rodas" (p.12).

No segundo, revisa a descoberta moderna das culturas orais primárias, detendo-se principalmente na "questão Homérica". Expõe os achados de Parry e de outros pesquisadores sobre a oralidade da narrativa épica na cultura grega antiga. Milman Parry mostrou, em seus estudos, que Homero repetiu fórmula após fórmula: "Homero costurou junto partes pré-fabricadas. Ao invés de um criador, têm-se um montador<sup>4</sup>" (p.22). Os poetas orais, diferentemente dos modernos, quer dizer, dos tempos da imprensa, não eram constrangidos pelo imperativo da originalidade. "Os gregos nos tempos de Homero valorizavam os clichês porque não somente os poetas mas todo o mundo oral noético baseavam-se na constituição formulaica do pensamento. Numa cultura oral, o conhecimento, uma vez adquirido, tem de ser constantemente repetido ou se perde: padrões formulaicos e fixos de pensamento são essenciais para o saber e a administração efetiva" (pp. 23 e 24). Além da pesquisa sobre a épica grega, Ong não se esqueceu de mencionar estudos como os de Havelock que relacionam o início da filosofia com o florescimento da escrita alfabética. Ao excluir os poetas da sua REPÚBLICA, Platão rejeitava "o pensamento oral, paratático, agregativo, perpetuado em Homero, em favor da análise aguçada ou da dissecação do mundo e do pensamento em si, possibilitada pela interiorização do alfabeto na psyché grega" (p. 28).

No terceiro, a meu ver o mais substancial, o autor detém-se no exame da psicodinâmica da oralidade. Parte das propriedades sensoriais da expressão oral. Salienta que, na sua condição de som, qualquer evento de fala é um evento no tempo e que, como tal, é evanescente - "só existe enquanto está saindo da existência" (p. 32). Salienta ainda o caráter dinâmico do som: "O som não pode estar soando sem o uso de alguma potência" (p.32). Nas culturas altamente letradas, as pessoas não costumam "pensar nas palavras como primariamente orais, como eventos e, por isso mesmo, como necessariamente investidas de poder: para elas, as palavras tendem a ser assimiladas a coisas, numa superfície plana. Tais "coisas" não são associadas a um poder mágico, pois não são ações; estão, num sentido radical, mortas" (p. 33). Depois de considerar a oralidade sob o ângulo sensorial, Ong entrega-se à tarefa de delinear os traços básicos da mentalidade oral. Dentre os traços, destaca o pensamento

---

<sup>4</sup> O termo que traduzi como "montador" figura no original como "assembly-line worker".

formulaico e mnemônico (sabe-se aquilo que se pode lembrar); o pensamento aditivo antes do que o subordinativo; o pensamento agregativo antes do que o analítico; o pensamento redundante ou "copioso"; o pensamento conservador ou tradicional; o pensamento concreto, situacional, antes do que o abstrato; o pensamento agonístico; o pensamento empático e participativo antes do que o objetivamente distanciado; o pensamento homeostático; o pensamento comum antes do que o individual e o original.

No quarto, atém-se à reestruturação do pensamento pela escrita, uma tecnologia. Segundo Ong, estamos tão profundamente enraizados na escrita que não conseguimos mais vê-la como uma tecnologia, assim como vemos a imprensa e o computador. Acentua que "a escrita é, de uma certa forma, a mais drástica das três tecnologias. Ela inicia o que a imprensa e os computadores somente continuam, a redução do som dinâmico ao espaço quiescente, a separação da palavra do presente vivo, onde palavras podem existir sozinhas" (p. 82). As tecnologias não são meramente ajudas exteriores. Elas provocam transformações na consciência, sobretudo, quando afetam a palavra, como a escrita. A escrita aumenta a consciência ao nos separar do meio envolvente. "Escrever é uma operação solipsística" (p. 101). Procura mostrar ainda como a necessidade de precisão da linguagem, decorrente da distância entre os interlocutores e de sua extração do contexto não verbal, acaba aguçando o senso de análise lingüística e gerando os grafoletos, as gramáticas, os dicionários que separam cada vez mais a escrita da língua materna, aquela "usada pelas mães na educação das crianças" (p. 114). Esse capítulo nos faz compreender o título do livro.

No quinto, apresenta a tese de que a imprensa arremata o processo, iniciado pela escrita quirográfica, de redução da linguagem oral-aural à visual. Menciona uma série de efeitos difusos sobre a mentalidade, desencadeados pela imprensa: o desejo de "correção" da linguagem; o aumento da privacidade uma vez que a diminuição do tamanho e do peso do livro favoreceu o isolamento e, conseqüentemente, a leitura individual e silenciosa; a ânsia pela originalidade; a definição do plágio e a instituição dos direitos autorais; a concepção do texto como uma unidade fechada, acabada.

No sexto, expõe a tese de que o gênero narrativo é o gênero oral, por excelência. Fala ainda do primado da narração sobre os demais gêneros - "Subjacentes até mesmo às abstrações da ciência estão narrativas de observações de experiências em laboratórios" (p. 140). Quer dizer, todo conhecimento e discurso advêm da experiência humana e "o modo elementar de processar a experiência humana verbalmente é contá-la mais ou menos como ela se realiza, no fluir do tempo. Desenrolar um fio narrativo é uma maneira de lidar com este fluir" (p. 140). As mudanças que afetaram o gênero narrativo na passagem da oralidade para a escrita e da

escrita quirográfica para a tipográfica também são tematizadas neste capítulo.

E no sétimo, procura nos instigar, mediante argumentos bastante razoáveis, a rever ciências sociais e humanas (Sociologia, Antropologia, Lingüística, Filosofia, Psicologia, Historiografia) e teorias (historicismo, formalismo, criticismo, estruturalismo, textualismo e desconstrucionismo, teoria dos atos de fala, teoria da recepção) com o olhar liberado da "cegueira" da escrita. Larga no caminho uma porção de pistas que os amantes desse campo de investigação podem tentar perseguir...

Se passei algum romantismo em relação às culturas orais, que ele seja imputado a mim e não a Ong. Os suspiros de "Ai que saudade dos tempos da rapsódia!", se ouvidos nas entrelinhas, são só meus. Ong é de uma lucidez ímpar. O estudo da mentalidade oral interessa a ele apenas na medida em que lhe permite "desnaturalizar" a mentalidade escrita e assim compreendê-la melhor.

III. Na história de cada leitor há livros e livros. Livros abandonados no meio da leitura. Livros estoicamente vencidos. Livros lidos e logo esquecidos. E livros que chegam para ficar, livros cuja companhia não dispensamos jamais. Na minha história, "ORALITY and LITERACY: The Technologizing of the Word" é dos últimos. Chegou para ficar.